

E afinal morrer era a coisa mais simples do mundo

Mesmo terminada há quase meio século, a guerra colonial continua a ser travada permanentemente em duas frentes: pelos que nela, directamente, combateram e que para quem o esquecimento é uma impossibilidade e pelos que, não tendo nela combatido, procuram promover uma empatia com o seu universo, dando voz aos seus actores, escutando-os.

Rodrigo Francisco convoca em *Um gajo nunca mais é a mesma coisa* (estreia amanhã) memórias de uma guerra colonial (1961-1974) que não se querem esquecidas, reflectindo sobre o abandono a que os ex-combatentes (aqueles para quem morrer foi «a coisa mais simples do mundo») têm sido votados e as consequência que tal tem no presente, no futuro.

Ensaia-se uma duplicidade de memórias contraditórias: a memória dos que querem esquecer, vivendo a ilusão de que a guerra só terminará realmente se dela falarmos, e a memória dos que lá não estiveram, mas que a vivem no quotidiano, pelas recordações,

gestos de quem esteve na guerra e não o consegue esquecer, mas também a histórica memória abstracta de quem interpreta a guerra, esquecendo quem a viveu.

A guerra colonial é uma ferida que não sara; obriga a muitas questões, que não pedem, no entanto, respostas: só não permitem a rasura e a obnubilação. O encenador pergunta, pela voz dos seus actores: “Como é que há-de ser, quando já não houver ninguém para contar as coisas como elas foram?”. É contra as várias faces do silêncio que o texto da peça progride, seguindo um trilho que vai bem além da guerra colonial, convocando, para reflexão, temáticas como o racismo, condição de género e a ascensão da extrema-direita, e fazendo-as gravitar em torno da herança escusa do colonialismo.

O abandono, o silêncio depositado nos ombros dos ex-combatentes surge, no espectáculo, enquanto exercício reflexivo de premente pertinência: por que motivo uma população que se manifestou contra a guerra, contra o fascismo, e que aderiu, de peito aberto, à re-



O espectáculo está em cena na Sala Experimental do TMJB até ao fim do Festival

volução dos cravos está a conduzir certo colectivo a engajar-se, com natural displicência, com a extrema-direita? E se não há dúvidas de que a peça parte da guerra colonial, enquanto memória, também é verdade que, essencialmente, procura desbravar caminho para um presente que se faz histórico, porque nos obriga a regressar, já de forma cansada, a temas que

julgávamos, queríamos nós já, ultrapassados, resolvidos. No fundo, escondidos.

A ameaça da extrema-direita assombra a peça como uma realidade que, em Portugal, nasce dos nossos próprios fantasmas e neste aqui e agora, convoca uma memória e um susto que nos devia deixar atentos e recusar o que aí vem.

| Pedro Barros

Voyage that never ends

Fazemos um trabalho constantemente absoluto sobre a memória. Damos valor a todos os sinais. Hoje foi o terceiro dia. O dia central. Podemos assumir que partilhamos já intimidade nas nossas questões individuais mas inseridas num grupo, um grupo que nos forma ou transforma, que importa isso? O tempo é uma das

questões centrais da vida, e se é uma das questões centrais da vida é uma das questões centrais do teatro. O tempo. A condensação do tempo. O absoluto. Falamos sempre de momentos absolutos. Josef Nadj leva-nos com ele quando partilha a sua emoção. Mesmo as lágrimas são beleza na poesia. As suas lágrimas, agora que (cont.)



O sentido dos Mestres, a decorrer no Forum Romeu Correia, termina amanhã

Primeira hora



© Luana Santos

Celeste Rocha, 45 anos de plateia

As portas que Abril abriu" permitiram aos trabalhadores da Wicander, uma empresa industrial transformadora de cortiça, apresentarem um caderno reivindicativo, onde constava a realização anual de Festas de Natal.

A Comissão de Trabalhadores considerou que eventos culturais, entre os quais o Teatro Infantil, fariam parte dessas Festas. Em 1975 foi convidada uma companhia de teatro em formação recomendada pela Comuna, que presentemente é a Companhia O Bando, que apresentou uma peça itinerante.

De 1976 até ao encerramento da

Wicander, em 1992, esteve anualmente presente a "Companhia de Joaquim Benite", com a Teresa Gafeira, o António Assunção e os demais actores. Em 1996 e 1997, por proposta do actor Sobreira, tive ocasião de, na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia de Santa Isabel, trazer a Lisboa as peças infantis, itinerantes, da CTA disponíveis nesses anos.

A concluir direi que nos 37 anos de Festival de Almada nunca perdi uma peça, e que já tenho os 21 bilhetes para este ano. Sou também membro do clube de amigos quase desde a primeira hora.

Um *puzzle* lembrado à luz dos palcos

A primeira conversa da segunda semana dos Colóquios na Esplanada contou com Rita Neves e Patrícia Couveiro, criadoras do espectáculo *Corpo Suspenso*, convidadas para uma conversa intensa e reflexiva sobre as memórias que residem nos nossos corpos através dos tempos.

Moderada pelo crítico de teatro Luís Soares, o objecto do diálogo revelou a investigação e a concepção acerca da ideia do corpo humano como um arquivo de uma vida. Rita Neves, filha de um ex-combatente das Guerras Coloniais, tinha o intuito de desvendar e perceber a história do seu pai,



Rita Neves e Patrícia Couveiro no primeiro dos dois colóquios dedicados à Guerra Colonial

um processo que se iniciou pelas marcas que residiam no seu corpo e contavam uma narrativa não verbal. As criadoras também se referiram ao passado, ou melhor, ao tempo passado que se desvela de uma maneira não linear no presente, como uma espécie

de *puzzle* de acontecimentos. O público participou activamente e relatou experiências pessoais com ex-combatentes familiares, e também as suas próprias experiências nas consequências que a guerra colonial lhes provocou. | **Maria Eduarda V. Wendhausen**

(cont.) ao fim de 60 e poucos anos lhe acontece chorar. Faz parte. Chorar é humano também. Porque se um poema é uma condensação sublime de um momento íntimo, será possível transformá-lo ou levá-lo enquanto memória presente para um momento teatral? Como? Nadj partilha Celan, um autor que o situa, um poema que fala dos 24 passos antes da morte, 24 passos,

24 horas, um ciclo completo. Construir movimentos, uma sequência de movimentos com 24 pontos, um minuto. Uma frase de movimento de um minuto. Também um poema. Mas como começar? Quem somos nós antes de começar? Que questão colocamos a nós mesmos ao começar? Como colocar a nossa vida num momento de teatro? Como aceitar esse compromisso total da

vida na arte? Porque todos os momentos do actor são momentos de Universo compacto, que se diluem na vida, que se espalham na vida, como se não existissem margens. A reflexão é já um trabalho concreto. É já um momento criativo. Uma semente que se desenvolve até ser uma árvore. Trabalhar é colocar questões. Talvez isto nos falte hoje no teatro. | **Pedro Fiuzza**

AGENDA DE AMANHÃ

15:00

O sentido dos Mestres
Fórum Romeu Correia

18:00

Conversa com
Agnès Mateus e Quim Tarrida
Esplanada do Festival

20:30

Um gajo nunca mais...
Sala Experimental do TMJB

20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

Rebota rebota
y en tu cara explota
Academia Almadense

20:30

A Lua vem da Ásia
Incrível Almadense

RESTAURANTE
DO TEATRO

HOJE

Rolo de carne com tâmaras
Pescada com ameijoas

AMANHÃ

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com broa e alheira

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada

Mateus & Tarrida na Esplanada

Os criadores do Espectáculo de Honra deste ano, *Ri-te, ri-te que logo choras*, Agnès Mateus e Quim Tarrida, estarão amanhã na Esplanada da Escola D. António da Costa, às 18h, para mais uma conversa com o público, moderada pelo crítico de teatro Francisco Luís Parreira. Todos os anos, no último dia do Festival, o público elege um espectáculo para regressar no ano seguinte.